



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Ana Paula Santos de Souza

**OS DISTINTOS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO GÊNERO ARTIGO DE
OPINIÃO DA MÍDIA DIGITAL**

CAMPINA GRANDE

2016

Ana Paula Santos de Souza

**OS DISTINTOS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO GÊNERO ARTIGO DE
OPINIÃO DA MÍDIA DIGITAL**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande, como
requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas

CAMPINA GRANDE

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S729d Souza, Ana Paula Santos de.
Os distintos processos de referenciação na construção de sentidos do gênero artigo de opinião da mídia digital / Ana Paula Santos de Souza. – Campina Grande, 2016.
43 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas".
Referências.

1. Linguística Textual. 2. Artigo de Opinião – Referenciação.
3. Texto – Coesão e Coerência. I. Dantas, Aloísio de Medeiros.
II. Título.

CDU 81'42(043)

Ana Paula Santos de Souza

**OS DISTINTOS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO GÊNERO ARTIGO DE
OPINIÃO DA MÍDIA DIGITAL**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande, como
requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de _____ .

Banca Examinadora:

Profº Orientador (a): Dr. Aloísio de Medeiros Dantas - UFCG

Profº Examinador (a): Ms. Manassés Moraes Xavier - UFCG

CAMPINA GRANDE

2016

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, parentes, amigos, colegas e orientador, que muito colaboraram para sua realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus, criador de todas as coisas, graças a Ele foi possível chegar até aqui. À minha família, em especial ao meu querido pai, seu Ademar, que mesmo não estando mais ao meu lado, está junto ao Pai, sempre me motivou e me encorajou a lutar e não desistir dos meus sonhos, sendo isso também estendido à minha mãe, que fez o possível para que eu me mantivesse firme. Aos meus queridos irmãos Jânio, Conceição, Antônio e José Ademar que me apoiaram desde o início do curso. Aos meus queridos amigos Josenilton e Clislane, que me apoiaram, me ajudaram, me concederam momentos de risos, tornando mais leve e descontraída minha vida acadêmica. Às minhas queridas amigas Daysy, Deyziane, Fabiana, Thaises, Creudiane, Karol e Veluma, que contribuíram de forma indireta, tornando meus dias mais alegres e risonhos. Ao meu querido orientador Aloísio, que me ajudou grandemente nesse trabalho, sempre atencioso e paciente. Enfim, agradeço a todos vocês que fazem parte da constituição do meu ser e da minha vida. Amo todos! Deus abençoe vocês!

RESUMO

A presente Monografia, intitulada *Os distintos processos de referenciação na construção de sentidos do gênero artigo de opinião da mídia digital*, objetiva evidenciar as distintas estratégias de referenciação utilizadas em artigos de opinião encontrados na mídia digital. Para tanto, realizamos uma análise de cinco artigos de opinião, de autores distintos e apresentando a mesma temática, a variação linguística. À luz de Koch, Cavalcante (2014), Bentes (2001), Antunes (2005), dentre muitos outros que contribuíram para a disseminação dos estudos voltados a referenciação, fundamentamos nossa análise. Assim, explicamos, conforme a Linguística Textual, a concepção de texto, além das influências e das intenções que englobam a sua constituição. Dessa forma, voltamos nossas atenções para o texto argumentativo, o tipo textual que compõe nosso *corpus* teórico. Fragmentos explicadores da referenciação foram retirados dos textos constituintes do *corpus* para explicar e tornar evidente o nosso estudo realizado. Outros fatores importantes, que destacamos, é a noção de coesão e coerência, itens fundamentais para a construção de um texto. E, sabendo que construir um texto exige mais do que uma mera junção de palavras ou fragmentos, verificamos quais as estratégias de referenciação que foram utilizadas na produção de artigos de opinião da mídia digital. Identificamos e analisamos as estratégias textuais de referenciação do gênero. Estudamos os fenômenos linguístico-textuais, envolvidos na construção do objeto de discurso língua, no gênero aqui trabalhado, a saber, anáforas diretas (Adi) e indiretas (Aind), onde encontramos os recursos linguísticos adjetivos, pronomes, sintagmas nominais, enunciado completo, exclamações e sintagmas preposicionais, encapsulamento (Enc), onde encontramos como recursos linguísticos sintagmas nominais e sintagmas preposicionais, e a função argumentativa (Farg), onde encontramos como recursos linguísticos advérbios, indagações, sintagmas nominais, sintagmas preposicionais, apostos e conjunções.

Palavras-Chave: Referenciação. Artigo de Opinião. Coesão e Coerência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 CAPÍTULO 1	09
1.0 Conceito de referenciação na Linguística Textual.....	09
1.1. A Linguística Textual.....	09
1.1.1.A concepção de texto.....	12
1.2.O estudo da coesão e noção de referência.....	14
1.2.1.Concepção de coesão referencial.....	15
1.3.A concepção de referenciação: uma abordagem sociocognitiva.....	16
3.CAPÍTULO 2	22
2. O percurso metodológico.....	22
2.1. A construção do <i>corpus</i>	22
2.1.1. O gênero textual “Artigo de Opinião”.....	23
2.2. A natureza da pesquisa.....	25
2.3. Procedimentos analíticos.....	26
4 CAPÍTULO 3.....	27
3.O objeto de discurso da língua em “Artigo de Opinião”	27
3.1.Anáfora direta (Adi) e indireta (Aind).....	27
3.2. Encapsulamento (Enc).....	32
3.3. Função Argumentativa (Farg).....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6 REFERÊNCIAS	39
7. ANEXO.....	41

INTRODUÇÃO

Pensando nas estratégias para a construção de um texto e nos percursos adotados pelo escritor para alcançar seu objetivo final, interagir e/ou persuadir o interlocutor, o presente trabalho almeja evidenciar esses percursos, mostrando que tais também são reveladores do objetivo final do escritor, além de fazerem parte da boa estruturação do produto final, do texto completo. Para tanto, utilizaremos como elemento norteador a referenciação, nome dado ao que nomeamos, representamos ou elaboramos em uma situação comunicativa, que é uma atividade linguística, segundo Koch (1997), para elaboração e co-elaboração do objeto do discurso. A reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas, e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes no uso da língua.

Nesse sentido, a nossa pergunta de pesquisa foi: quais as estratégias de referenciação que são utilizadas na produção de Artigos de Opinião da mídia digital? Esse questionamento é transformado no principal objetivo, qual seja, observar quais as estratégias de referenciação que são utilizadas na produção de Artigos de Opinião da mídia digital, e, a partir disto, refletir teoricamente, sobre os postulados da Linguística Textual no que diz respeito ao estudo dos processos de referenciação, além de identificar/descrever os fenômenos linguísticos textuais que caracterizam os processos de referenciação no gênero artigo de opinião.

Assim, utilizaremos como *corpus* teórico cinco artigos de opinião encontrados na mídia digital, mais especificamente em blogs direcionados a estudantes e professores de Letras. Por tratar-se de um gênero dissertativo, o seu escritor terá que utilizar e construir argumentos que persuadam o leitor. Logo, precisará de estratégias, de artifícios linguísticos que o envolva.

Dessa forma, o texto precisa estar coeso e coerente para que sua compreensão não seja comprometida. Caso contrário, o texto perderá sua função. O artigo de opinião exige do escritor clareza, objetividade e bons argumentos, sendo necessário estratégias como recategorização, por exemplo, dentre muitas outras citadas no desenvolvimento deste trabalho.

A escolha do *corpus* se deu pelo fato do artigo de opinião ser um gênero que exige do seu escritor um posicionamento e uma defesa desse posicionamento, sendo perceptível a construção da argumentação. Cada palavra, cada vírgula, cada ponto têm uma intenção, nada é posto em um texto por acaso, tudo é posto visando alcançar e persuadir, no caso do artigo de opinião, o seu interlocutor. Nesse sentido, vemos as marcas do escritor, vemos seus

conhecimentos prévios, seu contexto social, sua formação enquanto cidadão, pois a escrita é reveladora da nossa essência, de nossas intenções, e na construção de uma boa argumentação é necessário que o leitor parte dessa premissa e se deixe envolver e se convencer do que ler.

A escolha do *corpus* não foi por acaso. A análise feita aqui seleciona as ocorrências da referenciação, dos caminhos que o sujeito escritor percorreu para chegar ao leitor. Utilizamos, como já citado, cinco Artigos de Opinião. Tais textos apresentam uma mesma temática, a variação linguística, e são escritos por diferentes autores, intitulados *A linguagem popular em oposição à linguagem culta*, de Myrella Araújo, *O “pobrismo” é um fascismo! Ou: o livro que tenta destruir a Língua Portuguesa com apoio do MEC!*, de Reinaldo Azevedo, *Preconceito linguístico*, de Luciana Mello da Silva Mello, *Linguagem: expressão e direito de todos!*, de Laura Kauna de Oliveira e *Preconceito Linguístico*, de Taysa Gomes. A escolha da mesma temática permite a percepção de diversos discursos formulados diante de um mesmo tema.

Para fundamentar a nossa análise utilizamos principais teóricos de Koch (1997, 2002, 2004, 2014) Antunes (2005), Cavalcante (2010), Cavalcante (2014), dentre outros. Nesse sentido, elucidaremos as concepções de referenciação conforme a Linguística Textual. Assim, entenderemos tais concepções de acordo com que se entende por texto. Nesse sentido, veremos a complexidade de um texto. E, pensando no artigo de opinião, veremos a partir de fragmentos, os distintos processos de referenciação, denunciadores das intenções do autor, através do texto.

Distribuiremos nosso trabalho em três capítulos. O primeiro diz respeito à fundamentação teórica, tendo por base teórica os autores citados no parágrafo anterior. O segundo diz respeito à metodologia, os percursos que adotamos para realizarmos nossa Monografia. Por fim, temos a análise, a aplicação prática das teorias aqui estudadas.

Nosso primeiro capítulo tem por intenção realizar uma reflexão teórica sobre os postulados da Linguística Textual no que se refere ao estudo dos processos de referenciação. Nele trataremos o conceito de referenciação, a concepção de texto, estudo da coesão textual e a noção de referência, concepção de coesão referencial e a concepção de referenciação em uma abordagem Sociocognitiva.

CAPITULO 1

1. O Conceito de Referenciação na Linguística Textual

A primeira ideia sobre o processo de referenciação, consoante Cavalcante (2014), se ancora na afirmativa de que a linguagem tem por principal função prover uma forma de acesso a uma dada realidade. “Para compreender a natureza dos processos referenciais, é absolutamente fundamental que se entenda, desde já, que os objetos do mundo não são expressos, nos textos, de forma objetiva e imutável, pois eles sempre são construídos de acordo com as especificidades de cada situação de interação” (CAVALCANTE, 2014, p. 29), cabendo afirmar, essa interação dependerá das intenções e da carga de conhecimento dos interlocutores, a construção referencial está sempre evoluindo e se transformando.

Por essa nova percepção de estudos, “a referenciação é o processo pelo qual, no entorno sociocognitivo-discursivo e interacional, os referentes se (re)constroem” (CAVALCANTE; PINHEIRO *apud* BENTES; LEITE 2010, p. 233). Nesse sentido, pode-se afirmar que se trata de um processo em permanente reelaboração, sob o ponto de vista cognitivo-discursivo, e, mesmo operando cognitivamente, é norteado por pistas linguísticas e completado por várias referências.

Sob esse olhar, Cavalcante; Pinheiro *apud* Bentes e Leite (2010), refletem que, nessa perspectiva, o referente é um *objeto de discurso*, que vai sendo criado a partir da reconfiguração, e essa reconfiguração ocorre “não somente pelas pistas que as estruturas sintático-semânticas e os conteúdos lexicais fornecem, mas também por outros dados do entorno sociodiscursivo e cultural que vão sendo mobilizados pelos participantes da enunciação.” (CAVALCANTE; PINHEIRO *apud* BENTES; LEITE 2010, p 235). O processo de construção do texto é realizado seguindo orientações já internalizadas pelo autor e por o contexto no qual ele está inserido. Assim, há uma adequação à intenção almejada no texto.

1.1 A Linguística Textual

Pensando em um estudo direcionado à análise de textos, Artigos de Opinião da mídia digital, com a intenção de evidenciar os distintos processos de referenciação na construção de um texto, deveremos entender o que seria a Linguística Textual, a linguística, como o próprio nome denuncia, voltada para o texto. O termo “Linguística do Texto” foi empregado

inicialmente por Harald Weinrich, ele afirma que toda linguística é Linguística de texto. Segundo Fávero e Koch (1994), Linguística Textual tem por hipótese de trabalho “tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos as formas específicas de manifestação da linguagem” (FÁVERO; KOCH, 1994, p. 11).

Segundo Bentes (2001), A Linguística Textual teve um progressivo afastamento da influência teórico-metodológica da Linguística Estrutural de Saussure. No início, estava voltada para a análise *transfrástica*, esse tipo de análise parte da frase para o texto e objetivava explicar os fenômenos não explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas que ficavam limitadas ao nível da frase.

Logo após, a demanda da Linguística Textual era a descrição da competência textual do falante, que seria a construção de gramáticas textuais. Tais gramáticas foram elaboradas tentando construir o texto como objeto da Linguística. As primeiras gramáticas representavam um projeto de reconstrução do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato.

E, por fim, o texto passou a ser estudado de acordo com seu contexto de produção e a ser compreendido, não como um produto pronto, acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sociocomunicativas, e é a partir de então que se parte para a elaboração da teoria do texto.

Com o passar do tempo, a Linguística Textual é entendida, conforme Koch (2004), “como uma teoria essencialmente transdisciplinar, em decorrência das diferentes perspectivas que abrangem e os interesses que a movem” (KOCH, 2004, *apud* BENTES; LEITE, p. 226). Assim, o texto não apenas uma superfície material que conduz ao discurso, mas é visto como indissociável dele e é definido pelo uso. Além disso, também “é inseparável do texto as relações culturais, sócio históricas, em processos intercognitivos, considerados sob uma perspectiva de cognição internacionalmente situada” (KOCH, 2004 *apud* BENTES; LEITE, p. 227).

A autora relata que a Linguística Textual tem por objeto central “o texto *enquanto processo, enquanto atividade sociocognitivo-interacional de construção de sentidos.*” (KOCH, 2014, p. 12). Nesse sentido, conforme Heinemann (1982) *apud* Koch (2014), o texto é visto como atos inacabados, sendo elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumentos de realização de intenções comunicativas e sociais dos falantes.

Na metade da década de 1970, de acordo com Koch (2014), a Linguística Textual começa a ter a incumbência de provar que os pressupostos e o instrumental metodológico são aplicáveis, pois, nessa época, é

desenvolvido um modelo de base que compreende a língua como uma forma específica de comunicação social, da atividade verbal humana, interconectada com outras atividades (não linguísticas) do ser humano. Os impulsos decisivos para essa nova orientação vieram da Psicologia da Linguagem – especialmente da Psicologia da atividade de origem da Filosofia da Linguagem, em particular da Filosofia da Linguagem Ordinária da Escola de Oxford, que desenvolveu a Teoria dos Atos de Fala. (KOCH, 2014, p. 12-13)

A partir dos estudos da interação, o estudo do texto passa a ser visto como forma de ação verbal, assim como sua produção/ou recepção.

Nesse sentido, a estudiosa afirma que as abordagens sociointeracionais avaliam a linguagem como uma ação dividida “que percorre um duplo percurso na relação sujeito/realidade e exerce dupla função frente ao desenvolvimento cognitivo: intercognitivo (sujeito/mundo) e intracognitivo (linguagem e outros processos cognitivos).” (KOCH, 2014, p 20).

Bentes e Leite (2010) também trazem uma concepção de Linguística Textual, tendo por suporte teórico Koch (2004), que traz a Linguística Textual como uma teoria essencialmente transdisciplinar, em decorrência das diferentes perspectivas que abrangem e dos interesses que a movem. Os autores também utilizam Marcuschi como suporte; Marcuschi enfatiza não só o caráter multidisciplinar, mas também dinâmico, funcional e processual, pois ele tem a ideia de que a língua não é autônoma, sob nenhum aspecto, nem mesmo sob o estritamente formal. Pensando esse aspecto, “o texto não é simplesmente uma superfície material que conduz ao discurso, mas é visto como indissociável dele e é definido pelo uso.” (CAVALCANTE; PINHEIRO *apud* BENTES; LEITE, 2010, p.227).

Adam (2008) *apud* Bentes e Leite (2010) trata a Linguística Textual como um subdomínio da área mais ampla da análise das práticas discursivas. Para tanto, argumenta também que é necessário haver a separação de uma complementaridade nas suas relações mútuas e nas ligações com outras áreas do saber.

Assim, a Linguística Textual adota, como está evidenciado, o pressuposto de que o processamento textual acontece *on-line*, abrangendo concomitantemente todos os níveis da língua, o que implica dizer que é processual e holístico. Nesse sentido, tem por objeto central o texto, o texto, conforme Koch (2008), “enquanto processo, enquanto atividade

sociocognitivo-interacional de construção de sentidos.” (KOCH, 2008 *apud* BENTES e LEITE, 2010, p. 229). Consoante Koch e Cunha-Lima (2004),

A Linguística textual passou a ter “a necessidade de refletir sobre fenômenos como memória, atenção, representação mental e processamento cognitivo, precisando postular ou adotar um modelo de cognição que desse conta dos fenômenos encontrados na análise do texto. (KOCH e CUNHA-LIMA, 2004, *apud* BENTES e LEITE, 2010, p.230).

Todo texto é produzido com uma intenção, seja informar, persuadir, entreter, instruir, entre outras, e, para que isso ocorra, necessita ser compreendido por seu leitor, é preciso haver interação entre quem produz e quem lê, caso contrário, se torna difícil alcançar a real intenção do autor. Dessa forma, não é a estrutura nem os fragmentos que terão destaque, mas sim o texto por completo, os recursos utilizados nele e o contexto em que ele está inserido. A Linguística Textual enxerga o texto como uma unidade e não como conexões frasais, além disso, enxerga também a comunicação existente entre o texto, seu autor e seu leitor e não sua estrutura. Koch (2002), diz que o “sentido do texto é, portanto, construído na interação texto-sujeitos (ou texto co- enunciadores, e não é algo que preexista a essa interação).” (KOCH, 2002, p.17). O gênero publicidade, por exemplo, tem por intenção convencer o leitor a comprar uma ideia ou um produto, logo, utiliza mecanismos que evidencia a boa qualidade do produto que está ofertando, sendo isso feito de maneira criativa e chamativa, utilizando de imagens, cores e textos que aproximam o leitor, procurado o convencê-lo, caso isso não ocorra, o gênero perde sua função, não persuadindo o leitor.

1.1.1 A concepção de Texto

Fávero (1994) traz a conceituação de texto, ele toma por suporte Stammerjohan (1975), este afirma que o termo *texto* se trata do conceito central da Linguística Textual e da Teoria do Texto, abrangendo textos orais e escritos que tenham por extensão mínima dois signos linguísticos, podendo um destes, em se tratando de textos de apenas uma palavra, como, por exemplo, “Socorro!”, sendo sua extensão máxima indeterminada. Fávero (1994) menciona que a Linguística Textual trabalha com textos delimitados, de modo que o início e o fim de tais são determinados de modo mais ou menos explícitos.

O texto, conforme já relatado no presente trabalho, é o objeto de estudo da Linguística Textual e sua conceituação, de acordo com Koch (1997) irá variar consoante o autor e/ou teoria adotada para defini-lo. Primeiro, ele é visto como um produto acabado, depois passa a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção. Sendo assim, o texto foi concebido inicialmente como: a) unidade linguística superior à frase; b)

sucessão ou combinação de frases; c) cadeia de pronominalizações ininterruptas; d) cadeia de isotopias; e) complexo de proposições semânticas. Depois, no interior de orientações de natureza pragmática, passou a ser encarado:

a) pelas teorias acionais, como uma sequência de atos de fala; b) pelas vertentes cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; e c) pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade verbal, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo global. (KOCH, 1997, p. 21)

Os referentes vão se adequando ao texto, dando suporte para que o mesmo não perca o sentido. Para tanto, é necessário termos e expressões que retomam ou antecedem o termo referente do termo referido.

Nos Artigos de Opinião, os autores transmitem sua mensagem aos leitores de acordo com suas perspectivas. Por isso, apesar de tratar-se de textos abordando a mesma temática, apresentam distintos processos de referenciação.

O sentido do texto é construído de acordo com a intenção e com a interpretação do leitor. Sendo necessário que haja uma interação, e, para que isto ocorra, é necessário que o texto seja coeso e coerente. Segundo Koch,

O sentido do texto é, portanto, construído na interação texto-sujeitos (ou texto co- enunciadores, e não é algo que preexista a essa interação. Também *a coerência* deixa de ser visa como mera propriedade ou qualidade do texto, passando a dizer respeito ao modo como os elementos do contexto sociocognitivo mobilizados na interlocução, vêm a constituir , em virtude de uma construção dos interlocutores, uma configuração veiculadora dos sentidos. (KOCH, 2002, p.17).

Dessa forma, segundo Mondada (2011, p. 9, apud KOCH, 2014), a referenciação não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, e sim “a relação social e intersubjetiva no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas e avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores.”

Conforme Koch (2004), através da interação verbal, o sujeito opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido. O que implica dizer que, cada sujeito terá seu modo particular de escrever/ler determinado texto.

1.2 O Estudo da Coesão Textual e a Noção de Referência

Após a compreensão da noção de texto, voltamo-nos agora para os sentidos do texto e a melhor maneira de obtenção do real sentido pretendido por determinado texto, que é possível através da coesão textual. Para Antunes (2005), a coesão é “propriedade pela qual se cria e sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática” (ANTUNES, 2005, p. 47).

Sob esse olhar, podemos afirmar que a coesão tem por função, de acordo com Antunes (2005), criar, estabelecer e sinalizar os laços que deixam os vários segmentos do texto ligados, articulados, encadeados. Logo, para saber se um texto está coeso é preciso que se reconheça suas partes, partes essas que, das palavras aos parágrafos, estão constituindo o texto, estão interligadas, não estão soltas e nem fragmentadas. Pesando assim, Antunes relata que,

A função da coesão é exatamente a de promover a continuidade do texto, a sequencia interligada de suas partes, para que não se perca o fio de unidade que garante a sua interpretabilidade. Os autores Halliday e Hasan (1976), definindo a coesão, apela para a metáfora do “laço”, no intuito de mostrar que, no texto, cada segmento precisa estar atado, preso, pelo menos a um outro, de sorte que não há “pontas soltas”, ou pedaços que não se juntam a nenhum outro. (ANTUNES, 2005, p. 48).

Antunes (2005) também evidencia que conhecer o valor semântico das palavras de um texto não é suficiente para compreender o sentido do texto como um todo. Para compreender o texto é necessário, antes de qualquer coisa, estabelecer as relações de suas partes constituintes, fazer ligações entre suas distintas partes, avançando e retornando, para assim encaixar as ideia(s) contida(s) no texto.

Nessa perspectiva, é necessário que olhemos o texto como uma justaposição de ideias, ideias essas que precisam estar em harmonia para que, unida a outras, construa outra(s) maior(es). Pensando na função da coesão, “quando pretendemos que nossos textos sejam coesos, pretendemos que seja preservada sua *continuidade*, a sequencia interligadas de suas partes, para que se efetive a unidade de sentido e das intenções de nossa interação verbal.”(ANTUNES, 2005, p. 49). Só assim é que podemos nos fazer entender com sucesso. Em relação às ligações, Antunes salienta que,

É necessário que tais ligações não vão acontecendo simplesmente na superfície da sequencia textual. Na verdade, elas sinalizam as ligações conceituais que estão subjacentes a essa superfície. Ou seja, concomitantes aos encadeamentos identificáveis na superfície do texto, vão acontecendo aqueles outros no nível semântico. (ANTUNES, 2005, p. 48)

Esta autora destaca como importante ressaltar que a continuidade que se dá através da coesão é, essencialmente, “uma continuidade de sentido, uma continuidade semântica, que se

expressa, no geral, pelas relações de *reiteração, associação e conexão*.” (ANTUNES, 2005, p. 51). A *reiteração* é a relação pela qual os elementos do texto vão de algum modo sendo *retomados* e/ou pelas antecipações de segmentos seguintes. A *associação* é a relação criada no texto graças à ligação de sentido entre diversas palavras do texto. E, por último, a *conexão*, que corresponde ao tipo de relação sintático-semântica entre termos, orações, períodos e parágrafos.

1.3 Concepção de Coesão Referencial

Quando um componente da superfície de um texto faz remissão a outro elemento ou outros elementos do universo textual, essa remissão é nomeada por Ingedore (1989) de Coesão Referencial.

Nessa perspectiva, temos a noção de elemento de referência que é muito amplo, já que pode ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração, ou até mesmo um enunciado. No processo de construção de um texto, o referente é construído ou até mesmo reconstruído, a remissão pode dá uma nova forma de significação. E, a remissão pode ser realizada anaforicamente, para trás, e cataforicamente, para frente. Para melhor explicar, temos dois exemplos elencados pela autora, que exemplifica, respectivamente, essas remissões,

1.O homenzinho subiu correndo os três lances de escadas. Lá em cima, *ele* parou diante de uma porta e bateu furioso.

2.*Ele* era tão bom, *o meu marido!* (KOCH, 1989, p.31)

Tais formas remissivas, à luz da autora, estão subdivididas em duas, a saber, referenciais e não-referenciais, presas e livres. As não-referenciais são aquelas que fornecem apenas instrução de conexão e não de sentido ao leitor/ouvinte e elas podem ser livres ou presas. A última são as que acompanham um nome, precedendo-o, acompanham também os modificadores, antepondo-os ao nome dentro do grupo nominal, são os artigos, os pronomes adjetivos e os números cardinais e ordinais. As formas não-referenciais livres são os pronomes pessoais da 3º pessoa e os pronomes substantivos, além dos advérbios pronominais. Já as formas remissivas referenciais são aquelas que fornecem instrução de sentido, fornecem também instruções de concordância, se enquadram nessa perspectiva, os sinônimos, hiperônimos, nome genéricos, entre outro, quando realizam remissão a outros referentes no texto.

Nos estudos linguísticos conforme, Koch (1996, p. 31), “quase todos os estudos sobre coesão referencial partem do pressuposto de que existe identidade de referência entre a forma remissiva e seu referente textual”. Porém, tal pressuposto é discutido, para exemplificar essa discussão a cita autora exemplos dentre eles a sentença *a gravata do uniforme de Paulo* está velha e sua surrada. *A minha* é novinha em folha, que evidencia que não-há co-referencialidade entre *a gravata do uniforme de Paulo* e a forma remissiva *a minha*. Assim, há uma espécie de extração do grupo nominal e o seu elemento de referência, o restante da sentença não é utilizado.

Outro engano citado é que pensar que há identidade de categoria e/ou função entre a forma remissiva e o elemento de referência, podendo haver, por exemplo, uma reforma adverbial, onde é remetido a um Sintagma Nominal com função de sujeito ou objeto. Para exemplificar este engano é usada a sentença perto da estação, havia *uma pequena estalagem*. Lá costumavam reunir-se os trabalhadores da ferrovia.

1.4 A concepção de Referenciação : Uma abordagem Sociocognitiva

A Linguística Cognitiva defende, segundo Ferrari (2011), que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido. O termo Linguística Cognitiva foi adotado inicialmente por estudiosos como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, esse autores concordavam fundamentalmente com a matiz cognitivista da teoria gerativa, condensando na fórmula chomskyana “a linguagem é o espelho da mente”. Porém, afastaram dessa perspectiva, adotando, assim, uma perspectiva que intenciona “prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre módulos da linguagem, mais especificamente, entre estrutura linguística e conteúdo conceptual.” (FERRARI,2011, p. 14)

De acordo com CAVALCANTE (2014), a proposta sociocognitivista

procura estabelecer uma relação essencial entre o processo de conhecer(da alçada da cognição), e as experiências culturais (da alçada do social), embora não se separam, a rigor, esses dois, esses dois níveis: o cognitivo e o social. Talvez fenômeno textual-discursivo que explicita mais claramente essa tendência seja a referenciação. (CAVALCANTE, 2014, p. 29-30).

Marcuschi diz que, “a cognição passa ser vista como uma construção social e individual, de modo que para uma boa teoria da cognição precisamos, além de uma teoria

linguística, também de uma teoria social” (MACHUSCHI, 2003, *apud*, MORATO, 2004, p. 339).

Nesse sentido, a língua é um mapa cognitivo e os falantes se orientem pelo mundo através desse mapa. É através das interações sociais que surgem as significações. Sob esse olhar, De Lemos esclarece que,

pensar o sujeito como efeito da linguagem equivale, pois, literalmente, a subverter uma concepção de sujeito enquanto posicionado face à linguagem como objeto de conhecimento a ser aprendido e construído. Ou, em outras palavras, a considerar criança, enquanto corpo pulsional, como capturada pelo funcionamento da língua na qual é significada, por um outro, como falante, antes mesmo de o ser. Nesse sentido, pode-se dizer que essa captura tem o efeito de coloca-la em uma estrutura em que comparece o outro como instância de interpretação e o Outro como depósito e rede de significantes. (DE LEMOS, 2001, *apud*, MORATO, 2004, p. 339)

E o que nomeamos, representamos ou elaboramos em uma situação comunicativa chama-se referenciação, segundo Koch (1997), que é uma atividade linguística para elaboração e co-elaboração do objeto do discurso. Nosso cérebro reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. A reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas, e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes no uso da língua.

O referente é, sob esse olhar, o objeto do discurso, que conforme Cavalcante (2010) é “uma criação que vai se reconfigurando não somente pelas pistas que as estruturas sintático-semânticas e os conteúdos lexicais fornecem, mas também por outros dados do entorno sociodiscursivo e cultural que vão sendo mobilizados pelos participantes da enunciação” (CAVALCANTE, 2010, pag.235).

Sabendo que, segundo Koch (1997), o referente se situa posterior ou anteriormente à linguagem e é produto de nossa assimilação, podemos afirmar que o objeto do discurso é construído na dimensão da percepção e condiciona o evento semântico.

Partindo do princípio de que o texto é construído a partir de processos que antecedem ou sucedem o que está sendo dito, um encadeamento de informações, e essa reconfiguração do texto se dá com a anáfora. Há dois tipos de anáfora, direta e a indireta.

A anáfora direta ou correferencial, conforme Cavalcante (2010), “é qualquer ocorrência em que um referente de algum modo introduzido no discurso seja recuperado também de alguma maneira, mesmo que, nessa retomada, essa entidade sofra modificação de toda ordem, ou seja, mesmo que passe por processos de *recategorização*” (BENTES; LEITE, 2010, p. 237). Processo e recategorização consiste

basicamente numa estratégia de designação pela qual os interlocutores, na atividade discursiva, podem reapresentar os objetos de discurso em função de seus propósitos comunicativos. É esse um mecanismo muito produtivo que atesta a plasticidade da língua na construção e reconstrução dos seus referentes. É fato que a recategorização é também um processo recorrente nas mais diversas manifestações da linguagem verbal. (LIMA, 2011).

As retomadas anafóricas, segundo Cavalcante (2014), são realizadas por expressões referencias e podem ser realizadas por distintas estruturas linguísticas, a saber, pronomes relativos, sintagmas nominais diferentes, sintagmas nominais total ou parcialmente repetidos e sintagmas adverbiais. Pensando dessa forma, podemos afirmar que,

A tendência dos referentes retomados, nas anáforas, é evoluir durante o desenvolvimento do texto. Assim, o referente pode permanecer o mesmo nas anáforas correferenciais, mas, com o acréscimo de informações, sentimentos, opiniões, esperável na progressão das ideias no texto, ele se transforma, isto é, vai sendo *recategorizado*, tanto pelo locutor quanto pelo interlocutor. (CAVALCANTE, 2014, p. 63).

Já a anáfora indireta, de não correferencialidade, aparece no contexto, acrescentando o que vem posteriormente, “as anáforas indiretas encapsuladas representam legítimos casos de anáforas por correferencialidade, justamente porque as âncoras em que elas se apoiam se encontram dispersas no texto/discurso, o que não as impede de se erigirem em referentes, só que implícitos” (CAVALCANTE et al, 2010, p.237).

Tais anáforas são bastante semelhantes, diante de tais conceitos, mas a primeira é mais fácil de identificar, ela retoma um objeto já introduzido no texto, já a segunda se refere a um objeto novo no texto, ainda não mencionado anteriormente, o que faz com que seja necessária a inserção do leitor em seu contexto textual.

Cavalcante (2014) traz a concepção de anáfora encapsuladora, o encapsulamento que, semelhante à anáfora indireta, aparece no texto como uma expressão nova, ainda não mencionada, mas o que a diferencia é seu caráter sintético. O encapsulamento, assim, conforme a autora, é o resumo de parte do contexto somado aos dados de conhecimentos compartilhados.

Segundo Koch (2002), atualmente, contexto, no interior da linguística textual, abarca a situação de interação imediata, a situação mediada, que seria o entorno sociopolítico-cultural, além do contexto sociocognitivo dos interlocutores. Este último engloba todos os conhecimentos contidos na memória dos indivíduos sociais e precisam ser mobilizados para haver uma interação verbal. Tais conhecimentos mobilizados são, a saber, o conhecimento enciclopédico, também conhecido como conhecimento de mundo, aquele que adquirimos durante nossa convivência em sociedade, o conhecimento linguístico, aquele que toda

gramática internalizada por cada falante de determinada língua, o conhecimento da situação comunicativa e suas “regras”(situacionalidades), o conhecimento superestrutural, o conhecimento estilístico, o conhecimentos sobre os mais variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, além do conhecimento sobre outros textos que permeiam a nossa cultura, a chamada intertextualidade. Dessa forma, tais conhecimentos são mobilizados a partir do processamento textual e dá-se através de estratégias cognitivas, sociointeracionais e textuais.

A noção de contexto, de acordo com a autora supracitada, contém uma justaposição fundamental de duas entidades: um evento focal e um campo de ação dentro do qual o evento se encontra inserido. Nessa perspectiva, deve-se tomar como ponto de partida para a análise do contexto:

1. A perspectiva do(s) participante(s) cuja ação está sendo analisada, cabendo ao analista descrever como o sujeito assimila e organiza a percepção dos eventos e situações pelas quais está navegando;
2. Como aquilo que o participante trata do contexto relevante é determinado pelas atividades específicas que estão sendo realizadas naquele momento. (KOCH, 2002, p.22)

Para Goodwin e Duranti (1992 *apud* KOCH 2002), a análise do texto deve descobrir tais fenômenos: o cenário, o entorno sociocultural, a própria linguagem como contexto, conhecimentos prévios e , por último, o contexto analisado como um modo de *práxis* interativamente constituído, evento focal e contexto estão numa relação de figura-fundo.

O contexto de produção, como evidenciado por Cavalcante (2014), “é essencial para o reconhecimento do estatuto do texto e, conseqüentemente, de sua coerência”. Assim, a análise do contexto de produção deverá passar por um trabalho cognitivo e colaborativo do interlocutor, pois é este último que interage com o texto e constrói a coerência e os sentidos. Dessa forma,

reconhecer os elementos contextuais pertinentes para a unidade de sentido requer a (re)ativação de conhecimentos armazenados em nossa memória. Esses conhecimentos surgem a partir de nossa experiências no mundo e do contato com as informações que recebemos das mais variadas fontes. Por serem determinadas culturalmente, os conhecimentos prévios têm, em sua raiz, uma caráter sócio histórico, daí ser comum, nos estudos atuais, falar no *status* sociocognitivo do texto e da coerência. (CAVALCANTE, 2014, p.21)

O processo de referenciação, de acordo com Koch (2014), é indispensável para a coesão e compreensão do texto, já que o sujeito locutor se utiliza de tal processo para transmitir sua mensagem ao ouvinte, o que implica dizer que o mesmo precisará utilizar estratégias para construção da mensagem.

De acordo com esta autora, a reconstrução é a operação pela manutenção em foco, no modelo do discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. Pelo fato do objeto encontram-se ativado no modelo textual, ela pode realizar-se por meio de recursos de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos etc) bem como por intermédio de recursos de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais etc.). (KOCH, 2004, p. 67).

As estratégias de referenciação textual utilizam, a saber, uso de pronomes, uso de expressões nominais definidas e uso de expressões nominais indefinidas. Essas últimas são as formas linguísticas constituídas de, no mínimo, um determinante definido seguido de um nome. Tais estratégias descritas, conforme a literatura linguística, como *pronominalização*, *catáfora* e *anáfora*, de elementos contextuais, podem ocorrer sem um referente explícito. Segundo Koch (2004), estão envolvidas, enquanto operações básicas, as seguintes estratégias de referenciação:

1. Construção/Ativação: pela qual um "objeto" textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo ("endereço" cognitivo, locação) na rede conceptual do texto.
2. Reativação: um nóculo já introduzido é novamente ativado na memória de curto termo, por meio de uma forma referencial, de modo que o nóculo continua em foco.
3. De-ativação: ativação de um novo nóculo, deslocando-se a atenção para um outro referente textual e desativando-se, assim, o referente que estava em foco anteriormente. (KOCH, 2004, p.67)

Nesta estratégia 1, há dois processos de construção dos referentes textuais, ou seja, da sua introdução/ativação textual, denominados por Prince(1981, *apud* KOCH 2014)), introdução não ancorada e introdução ancorada. A primeira se dá quando um objeto de discurso totalmente novo é citado no texto, já a segunda se dá quando um novo objeto é introduzido, sob o modo do dado, uma vez que, algum tipo de associação com elementos presentes no contexto ou no contexto sociocognitivo suscetível a associação e/ou inferenciação. Para tanto, temos as anáforas associativas e as anáforas indiretas de modo geral.

Na construção de um texto, é preciso que haja uma interação entre autor, texto e leitor, bem como que a mensagem intencionada pelo autor chegue ao leitor através do texto, que deve ser coeso e coerente. Nesse sentido,

a coerência deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto, passando a dizer respeito ao modo como os elementos do contexto

sociocognitivo mobilizados na interlocução, vêm a constituir , em virtude de uma construção dos interlocutores, uma configuração veiculadora dos sentidos. (KOCH, 2002, p.17).

Para plenitude de uma interação, temos a coesão, que é a forma como o texto está entrelaçado em si e como os seus elementos linguísticos se interligam e constroem um sentido. Marcuschi afirma que, “os fatores de coesão são aqueles que dão conta da sequenciação superficial do texto, isto é, os mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relações de sentido” (MARCUSCHI, 1983 , *apud* KOCH, 1997, p. 35)

Temos também a coerência, que é a construção do sentido realizado pelo leitor, é a interação entre leitor e texto, “resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação dada, pela situação conjunta de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional” (KOCH, 1997, p. 41).

O tópico discursivo, segundo Bentes; Leite (2010),tem por base teórica o conceito de linguagem como atividade verbal impregnada pelo contexto espaço-temporal e sócio-histórico em que os interlocutores se relacionam. A interação verbal resulta do exercício de uma competência comunicativa. Nesse sentido, a partir do texto é possível perceber o modo como funciona o sistema de desempenho do sujeito falante.

Assim, podemos afirmar que o texto é, simultaneamente, estruturado e emergente, pois tem um caráter sociocognitivo e interativo.

Assim, a coesão funciona como uma espécie de pista para o leitor, já que a construção de sentidos se dá a partir de elos coesivos presentes no texto. Cabe ao leitor se apropriar deste último, de modo a entender que sentido o mesmo possui. Na construção do sentido, vários fatores são levados em consideração, a saber, o contexto, o conhecimento de mundo do leitor, a coesão textual, inferência e interação texto-leitor.

Para sabermos os rumos adotados, aqui, tratamos no segundo capítulo, o capítulo seguinte, o tipo de pesquisa, a escolha do gênero artigo de opinião e como tal gênero está organizado. Além disto, evidenciaremos os passos decorridos para a realização da análise.

CAPÍTULO 2

2. O Percurso Metodológico

O presente trabalho tem por objetivo compreender como o gênero Artigo de Opinião, da mídia digital, constrói os processos de referenciação, mostrando como o sujeito se apropria do texto para comunicar o que deseja e pretende transmitir ao leitor.

Assim, faremos análise, no capítulo subsequente, de fragmentos de Artigos, para com estes, explicar os distintos processos aqui citados.

2.1 A Construção do *Corpus*

À luz de Koch, veremos, através do Gênero Artigo de Opinião, como o processo de referenciação é fator indispensável para a coesão e compreensão do texto, já que o sujeito locutor se utiliza de tal processo para transmitir sua mensagem ao ouvinte, o que implica que o sujeito locutor precisará utilizar estratégias para construção da mensagem. Assim, notaremos como este pode ser construído e o quanto é importante sabermos a função da referenciação no ato da comunicação, ou construção dos objetos de discurso na produção linguageira.

Nesse sentido, perguntamo-nos: Quais as estratégias de referenciação que são utilizadas na produção de Artigos de Opinião da mídia digital?

A escolha do gênero Artigo de Opinião ocorreu em virtude de, em sua constituição, conter as opiniões e, conseqüentemente, os mecanismos e conteúdos linguísticos do autor de cada texto. Por se tratar de um gênero que seu autor precisa empregar sua opinião a respeito de determinada temática, é possível ver de maneira mais explícita as marcas linguísticas do seu produtor. Já a veiculação de exposição dos textos, a mídia digital, se dá pela fácil disponibilidade e pelo vasto número de opções, o que facilita a escolha e a realização do presente trabalho.

Sob esse olhar, temos a referenciação como um fenômeno que contribui para a textualização de gêneros, incluindo, claro, o artigo de opinião. Logo, identificaremos as estratégias textuais de referenciação do gênero em questão. E, conseqüentemente, verificar as estratégias textuais de referenciação utilizadas.

Sabendo que, segundo Koch (1997), o referente se situa posterior ou anteriormente à linguagem e é produto de nossa assimilação, podemos afirmar que o objeto do discurso é construído na dimensão da percepção e condiciona o evento semântico.

Utilizaremos textos da mídia digital, observaremos sua estrutura e semanticidade, verificando os recursos textuais e as estratégias de referência utilizadas nos textos. Além disso, descrevemos, através de exemplos retirados dos Artigos, estes recursos.

Enfim, usaremos metodologias de descrição, interpretação e observação, ao passo que será indispensável o uso da pesquisa bibliográfica, a fim de conhecer a teoria que vai fundamentar a pesquisa.

Investigaremos os recursos de coesão textual utilizados pelos escritores. Para tanto, serão usados cinco artigos de opinião, encontrados em Blogs destinados a estudantes, especialmente para estudantes de Letras, e a professores de Letras e os textos relação sobre variação linguística. Os mesmos são escritos por diferentes autores, mas apresentam a mesma temática, o preconceito linguístico, intitulados *A linguagem popular em oposição à linguagem culta*, de Myrella Araújo, *O “pobrismo” é um fascismo! Ou: o livro que tenta destruir a Língua Portuguesa com apoio do MEC!*, de Reinaldo Azevedo, *Preconceito linguístico*, de Luciana Mello da Silva Mello, *Linguagem: expressão e direito de todos!*, de Laura Kauna de Oliveira e *Preconceito Linguístico*, de Taysa Gomes para realizarmos nossa análise.

É importante frisar que os textos serão observados por completo. Porém, no desenvolvimento da pesquisa, utilizaremos recortes que contenham traços que exemplifiquem os distintos processos de referência.

A temática não influenciará nos rumos da pesquisa, já que nosso objetivo não será explorar o preconceito linguístico, mas a construção dos referentes no texto. Dessa forma, iremos observar os sentidos e “encaixes” que os autores utilizam. E, por trata-se da mesma temática, o modo como cada procurou deixar seu texto coeso e coerente.

2.1.1. O gênero textual “Artigo de Opinião”

Pensando em um gênero que expusesse a opinião, escolhemos o Artigo de Opinião. Tal gênero revela todos os mecanismos de produção do escritor, pois se trata de uma defesa de um ponto de vista e de argumentos que convenciam o leitor sobre o que está se defendendo. E assim, ocorre a interação entre o texto e o seu leitor, quem lê irá discordar e/ou concordar como o que lê. Boff (2009) conceitua Artigo de Opinião como

um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Ele expõe a opinião de um articulista, que pode ou não ser uma autoridade no assunto abordado. Geralmente,

discute um tema atual de ordem social, econômica, política ou cultural, relevante para os leitores.(BOFF, 2009, p. 3)

Para Bräkling (2000), conceitua o texto argumentativo em questão como um gênero que “busca convencer o outro sobre determinada ideia, influenciando-o e transformando seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição, e de refutação de possíveis opiniões divergentes.” (BRÄKLING,2000 *et al* BOFF,2009, p.3). A todo instante, início, meio e fim do artigo, é lançado afirmativas que procuram convencer o leitor.

Nessa perspectiva, o gênero em questão tem em sua essência a persuasão e, para tanto, a construção de argumentos capazes de produzir tal intenção. Logo, não basta discorrer uma opinião sobre determinada temática, é importante interagir com o leitor, envolvendo-o e convencendo-o.

O processo de construção deste gênero se efetua sob três passos, a saber, apresentação, argumentação e defesa/reflexão. No primeiro, deve ser exposto o tema a ser tratado ao longo do texto e o posicionamento do autor, a parcialidade é totalmente dispensável. No segundo, há a defesa do posicionamento tomado na apresentação, assim, são construídos argumentos que intencionam atingir o leitor, convencendo-o. E, por último, temos a solução, caso se trate de uma problemática, ou a retomada reflexiva da ideia principal contida no texto.

Para que a construção deste gênero, assim como os demais gêneros, seja construída de maneira coesa, que, costumeiramente, é comparado com a ideia de costura, assim, um texto precisa ser bem costurado, de forma que se torne uma unidade. E, para termos um texto coeso, é preciso que suas partes constituintes estejam bem costuradas, para que, assim, o leitor consiga entender um texto como um todo, afinal, por mais que haja no processo de construção três passos, o objetivo final é o mais importante, que é a boa formação/estruturação do texto por completo, e, conseqüentemente e principalmente, que o leitor seja persuadido.

Cada texto possui suas particularidades e as marcas do autor, o que implica dizer que são construídos e utilizados artifícios a fim de atingir o leitor, como afirma Uber, “o uso de alguns tempos verbais e advérbios, os questionamentos, as hipérboles, as palavras enfatizadoras são alguns exemplos das marcas linguísticas do autor presentes no texto. Tais marcas indicam a intencionalidade do autor.” (UBER, p. 6)

Outro ponto importante é a coerência do texto, por mais que o autor procure utilizar bons argumentos e utilize os elementos coesivos corretamente, se não produzir um texto coerente, seu esforço será em vão. Se você, por exemplo, defende em um artigo de opinião que uso do álcool deve ser abolido, e na conclusão afirma que uso do álcool socialmente não oferece nenhum risco, você entrará em contradição, pois as ideias não estão em uma

mesma linha de raciocínio. Logo, sua tese não será aceita, ninguém acolherá seus argumentos, mesmo eles sendo bons e convincentes, o texto por completo é que irá realizar este convencimento.

O gênero em questão se enquadra na tipologia textual dissertativo e, na maioria das vezes, é utilizado para relatar sobre temas polêmicos, por esse motivo, tem em sua essência a defesa de um ponto vista que visa à persuasão, como já dito aqui, assim, é um texto que circula frequentemente em jornais e revistas, meios de comunicação que procuram obter a atenção do leitor.

E por tratar também de um gênero argumentativo, toda argumentação construída pelo autor revela seu grau de conhecimento e familiaridade com a temática tratada. Os argumentos revelam os conhecimentos prévios utilizados para fundamentar a tese. Afinal, não se argumenta, pelo menos de maneira plena, sobre um tema que não se tem conhecimento. O conhecimento de mundo, o conhecimento enciclopédico ou conhecimento sobre o próprio texto, faz toda diferença em sua produção e são indispensáveis e relevadores do grau de eficiência do texto. Nesse sentido, conhecemos um bom escritor através de um bom texto.

2.2A natureza da Pesquisa

Para realizarmos a análise, utilizaremos a pesquisa Documental Qualitativa, pesquisa a qual se baseia, conforme Moreira e Caleffe (2006), na exploração de características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado frequentemente é verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação, no nosso caso não utilizamos a gravação.

O nosso trabalho também utiliza-se de Pesquisa Explicativa, que é a pesquisa que tem por preocupação central

identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Pode-se dizer que o conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos. (MOREIRA e CALEFFE ,2006, p. 70)

Assim, evidenciaremos com mais consistência, já que se trata de um análise, o processo de coesão, coerência e referenciação.

2.3 Procedimentos Analíticos

A análise ocorreu em três momentos: No primeiro, tivemos como pretensão realizar a divisão dos fragmentos textuais que serão analisados; O segundo momento, realizamos a seleção e a classificação das formas de referenciação; por último, foi feita a análise propriamente dita, a partir dos conceitos estudados, com a seleção de anáforas (direta e indireta), encapsulamento e função argumentativa.

Sabendo-se desses três momentos, o próximo capítulo, o terceiro, temos a nossa análise. Identificamos e descrevemos os fenômenos linguísticos textuais que caracterizam os processos de referenciação no gênero artigo de opinião.

CAPITULO 3

3. O objeto de discurso língua em “artigos de opinião”

Nesta seção, estudaremos os fenômenos linguístico-textuais, envolvidos na construção do objeto de discurso *língua*, em artigos de opinião veiculado pela mídia virtual.

3.1. Anáforas diretas (Adi) e indiretas (Aind)

Sabendo que, dá-se o nome de anáforas diretas (Adi) à ocorrência de recuperação de um referente no discurso, mesmo que tal retomada modifique o termo, assim, encontramos nos artigos de opinião treze ocorrências desse tipo de anáfora, e às elucidaremos nas sentenças exemplificadoras.

No artigo *A linguagem popular em oposição à linguagem culta* de Myrella Araújo há três casos:

1. “*Errado*” está ultrapassado. Deixo *esse termo* apenas para os preconceituosos, ou melhor, defensores de uma forma “correta” de se falar.

2. Cuide da grafia. Pratique a concordância. Cadê a regência do verbo? *Essas são as principais questões* da variante de prestígio.

3. *Os falares regionais*, por exemplo, testemunham a grandeza e a diversidade do nosso país, pois as camadas populares se utilizam *dessa variante estigmatizada* para se comunicar.

Na sentença 1 *esse termo* retoma o referente “*errado*”, com a retomada, o autor não precisa repetir o termo. Logo é uma estratégia para a construção e coesão do texto. Na sentença 2, *as principais questões* refere-se a *essas*, nota-se nessa sentença que o referente é utilizado, na maioria das vezes, como o termo remissivo e não como referente, outro ponto importante é a semanticidade de *as principais questões*, pois é preciso a leitura do texto por completo, ou pelo menos o parágrafo completo, para entendermos quais são essas principais questões, só assim, compreenderemos a real intenção do autor. Já na sentença 3, *essa variante estigmatizada* retoma *os falares regionais*, assim, os falares regionais, segundo o autor, é uma variante estigmatizada, a forma remissiva é um Sintagma Nominal que modifica o referente, acrescentando-lhe uma caracterização.

No artigo *O “pobrismo” é um fascismo! Ou: o livro que tenta destruir a Língua Portuguesa. Com apoio do MEC!*, de Reinaldo Azevedo, temos dois casos de anáfora direta:

1. Naquele texto maior em que trato da campanha canalha que vigaristas ideológicos e anti-semitas proto-homicidas movem contra Higienópolis, afirmo que a questão que está na base da campanha é o chamado “pobrismo”. *Essa doença moral* não se traduz por amor aos pobres, é evidente!

2. Um livro didático de língua portuguesa chamado “*Por Uma Vida Melhor*”, da coleção “*Viver, Aprender*” (Editora Global), sob o pretexto de debater variantes linguísticas com os alunos, faz a clara apologia da destruição da norma culta da língua. Atenção: *esse livro* está na lista das obras recomendadas pelo MEC.

Percebe-se que na sentença 1 *essa doença moral* remete a “pobrismo”, a utilização da anáfora é realizada com o intuito de não repetir o mesmo termo, além de acrescentar-lhe o sentido de doença moral, sendo doença utilizado no sentido denotado. Na sentença 2, *esse livro* refere-se a *Um livro didático de língua portuguesa chamado “Por Uma Vida Melhor”, da coleção “Viver, Aprender” (Editora Global)*, assim, é retomado o termo anterior sem que haja acréscimo de sentido.

Em *Preconceito linguístico*, de Luciana Mello da Silva Mello, há quatro sentenças:

1. É maravilhoso ver os mais diferentes tipos de manifestações contra *o preconceito*. Mas há *um tipo de preconceito* que ainda é muito forte e é pouco combatido em nosso país: *o preconceito linguístico!* *Esse assunto* veio à tona em função de um livro didático de língua portuguesa que, segundo muitos comentários que tenho lido e ouvido por aí, está incentivando o falar errado.

2. Mas, *na escrita*, isso é diferente e é obrigação de todos os professores (independentemente de sua formação) apontar caminhos e buscar a correção dos erros que *nela* existam.

3. Se *o português* fosse difícil, não *o* falaríamos!

4. Então é preciso prestar mais atenção *a nossa língua* e saber separar a fala da escrita. É preciso parar de julgá-la e deixar a língua livre, sem as amarras da gramática, sem as regras que os mais letrados insistem em querer sobrepor aos menos letrados.

Na sentença 1, é perceptível que *esse assunto* retoma três referentes ao mesmo tempo, a saber, *o preconceito, um tipo de preconceito e o preconceito linguístico*, todos remetendo a um mesmo conteúdo, daí o *esse assunto* se encontrar no singular. Na sentença 2, *nela* retoma *na escrita*, assim, funciona como elemento coesivo. Na sentença 3, temos *o*, pronome, remetendo ao seu referente *o português*. E na sentença 4, o *la*, junto com o verbo julgar, retoma *a nossa língua*.

Já em *Linguagem: expressão e direito de todos!*, de Laura Kauna de Oliveira, temos dois casos:

1.O preconceito linguístico também vem sendo imposto diariamente pela mídia que pretende *ensinar o que é "certo" ou "errado"*. De uma certa forma *isso* também sem sendo aplicado nas escolas, pois sugerem que a única forma certa de falar é a que a gramática impõe.

2.O que nós temos que entender e saber distinguir em que lugar e momento é mais apropriado o uso de cada *tipo de linguagem* e entendemos quando e onde usá-la.

Na sentença 1, o *isso* remete a *ensinar o que é "certo" ou "errado"*, funcionando como elemento coeso. O mesmo ocorre na sentença 2, onde *la*, junto com o verbo usar, remete a *tipo de linguagem*.

No texto *Preconceito Linguístico*, de Taysa Gomes, há duas ocorrências desse tipo de Adi. :

1.Por ser uma língua com grande variedade acaba gerando o que chamamos de *preconceito linguístico*, que é uma forma de preconceito com o modo de falar, o que às vezes gera discussões, brigas e até mesmo exclusão social. *Esse preconceito*, muitas vezes vem daquelas *pessoas com o nível social maior*, que têm uma escolarização mais elevada e acham que por falarem a língua portuguesa de um jeito mais correto, não estão "deformando" a língua, e para *elas*, as que falam de uma forma variada estão erradas.

2. Para *os que têm preconceito*, fiquem sabendo que a língua está sempre mudando e que onde forem vão perceber as variedades. *Essas pessoas* devem observar que o que fazem é errado e até quem sabe começar aprender mais sobre a nossa língua e parar de achar que estão

certos em tudo.

Na sentença 1, *esse preconceito* retoma *preconceito linguístico*, assim não há a necessidade de repetir o termo *linguística*, pois já há especificado o tipo de preconceito. Nesse sentido, a preposição *esse* evita a repetição e reinsere o *preconceito linguístico*. Na mesma sentença é perceptível que *elas* retoma *pessoas com o nível social maior*, assim, além de servir de elo coesivo, evita a leitura e a escrita repetitiva. Na sentença 2, *essas pessoas* reintroduz *os que têm preconceito*, logo não são quaisquer pessoas, são as pessoas que têm preconceito, citado anteriormente e com maior proximidade do Sintagma Preposicional (S.prep.) *essas pessoas*.

A anáfora indireta, como já foi dito, aparece no contexto e acrescenta o que vem posteriormente, se refere a um objeto novo no texto, ainda não mencionado, o que faz com que seja necessária a inserção do leitor em seu contexto. Partindo dessa concepção, encontramos várias ocorrências deste tipo de anáfora nos artigos analisados.

No artigo *A linguagem popular em oposição à linguagem culta*, de Myrella Araújo, encontramos dois casos, como evidenciado nas sentenças abaixo.

1. A linguagem popular é berço da nossa cultura linguística. Utilizada em nosso cotidiano, caracterizado por *um falar “errado”*.

2. A linguagem culta, reverenciada por grandes escritores brasileiros, impregnadas de *regras*.

Na sentença 1, *um falar errado* dá continuidade ao raciocínio do autor, ocasionando a progressão do texto. Na sentença 2, ocorre o mesmo com *regras*. Se prestarmos atenção, perceberemos que há uma falta de continuidade nas sentenças, ou seja, elas são apenas fragmentos, o que torna seu sentido incompleto, tendo em vista que não é explicitado esse falar errado e nem tampouco as regras da linguagem culta, para entendê-las é necessário ler o texto por completo.

No texto *O “pobrisimo” é um fascismo! Ou: o livro que tenta destruir a Língua Portuguesa. Com apoio do MEC!*, de Reinaldo Azevedo, temos três sentenças:

1. Ao contrário: só é “pobrista” que tem uma vida confortável, gozando de todas as benesses da “elite”.

2. O “pobrista” é, antes de tudo, *um fascista* moderado nos meios.

3. *os bandidos* são uma invenção da classe média reacionária só para discriminar os humildes.

Na sentença 1, o termo *elite* não é mencionado anteriormente, sua introdução se dá de maneira nova, e sua determinação será dado logo após, sendo isso não perceptível na sentença analisada. O mesmo ocorre na sentença 2 com *um fascista*, o que seria um fascista, além de ser “pobrista”?, aqui, na sentença, ele é um termo que precisa ser explorado e seu entendimento só é possível diante do contexto textual. Na sentença 3 temos o Sintagma Nominal *os bandidos*, que apresenta uma significação no sentido denotativo, mas na sentença só é possível comprovar/refutar esse sentido com a leitura, por completa, do texto.

Em *Preconceito linguístico*, de Luciana Mello da Silva Mello, temos dois casos de anáfora indireta, evidenciados nas sentenças abaixo.

1. Mas esquecem-se *os brasileiros de todas as rincões* que ninguém fala certo. Ou, pelo menos, ninguém fala seguindo todas as regras gramaticais.

2. É importante lembrar que não é por meio da gramática que *aprendemos uma língua*. Isso só acontece por meio da fala, porque ela é livre e não deve ficar aprisionada a regras.

Na sentença 1 temos *os brasileiros de todas as rincões*, onde entendemos de imediato que são os brasileiros de todas as regiões ou lugares, porém, a semanticidade é ditado pela contexto textual, só assim entenderemos a intenção do ator ao utilizar tal sentença. Na sentença 2 também sentimos a necessidade de realizar a leitura completa do texto para entendermos as formas *aprendemos uma língua* e *Isso*, onde a primeira possibilita a aparição da segunda.

Em *Linguagem: expressão e direito de todos!*, de Laura Kauna de Oliveira, temos apenas um caso de anáfora indireta.

1. É lamentável que em pleno século XXI ainda exista *o preconceito linguístico*, mesmo com o grande desenvolvimento tecnológico e intelectual que estamos vivendo. A cada dia são inventadas *novas formas de discriminação* por pessoas desprovidas de bom senso e com um grande índice de ignorância, costumam rebaixar as outras pessoas, pois segundo elas não estão no mesmo "nível" social ou intelectual.

Na sentença 1, é evidente que *o preconceito linguístico* e *novas formas de discriminação* só têm sua real compreensão, seu real sentido, se vistos os outros encaixes que

constituem o texto, afinal, o texto é composto por encaixes que constituem, de maneira interligada, seu sentido completo, e tais termos trazem estruturas que terão sua semanticidade, por completa, quando relacionamos um com o outro, *o preconceito linguístico* antecipa *novas formas de discriminação*, o primeiro introduz o último.

E por fim, em *Preconceito Linguístico*, de Taysa Gomes, também temos apenas uma caso de anáfora indireta

1. O que contribui muito para isso pode ser *a região em que a pessoa mora*. Cada região tem um sotaque, ou seja, e uma forma de falar diferente de outra. *Os mineiros*, por exemplo, gostam de falar as palavras sem completá-las como: "cêta boa?", "pô parar", "ancotô" etc.

Na sentença 1 temos *a região em que a pessoa mora* e *os mineiros*. *a região em que a pessoa mora* é amplo, antecipa e introduz uma nova frase ao texto. No entanto, *os mineiros* a exemplifica, há a antecipação e, logo após a especificação explicativa, interligando os termos.

3.2 Encapsulamento (Enc)

O encapsulamento (Enc), consoante Cavalcante (2014) tem por característica o caráter sintético, assim, é o resumo de parte do contexto somado aos dados de conhecimentos compartilhados. As partir desta concepção e da análise dos artigos de opinião constatamos diversas ocorrências de encapsulamento.

No artigo *A linguagem popular em oposição à linguagem culta*, de Myrella Araújo, encontramos dois casos de Enc como evidenciado nas duas sentenças:

1. *Os conservadores* defendem que é o padrão de unificação.
2. *O povo brasileiro* se expressa, através das palavras: sentimentos, dores, visão de mundo.

Na sentença 1 temos o sintagma nominal *os conservadores* que engloba várias pessoas que defendem o padrão de unificação. Há, de maneira sintética, a referência a várias pessoas que fazem parte de um grupo conservador. Na sentença 2, *o povo brasileiro* faz referencias, de maneira sintética, à todos os povos brasileiros, almejando não delongar. A autora opta por unificar todas os povos que constituem os povos do Brasil.

No artigo *O “pobrismo” é um fascismo! Ou: o livro que tenta destruir a Língua Portuguesa. Com apoio do MEC!*, de Reinaldo Azevedo, temos apenas uma ocorrência de encapsulamento, como evidenciado na sentença:

1. *O pobrismo* já adulou a “cultura” do funk no Rio, é fascinada pelo rap da periferia de São Paulo

Percebemos, nesta sentença, que, além de introduzir um novo termo no texto, o Sintagma Nominal *o pobrismo* faz referência a vários tipos de usos “inadequados” da Língua Portuguesa, assim, o autor não cita esses usos, apenas os elucida sinteticamente.

Em *Preconceito linguístico*, de Luciana Mello da Silva Mello, há dois casos de Enc, as sentenças abaixo evidenciam isso.

1. Infelizmente, *esse falar errado* gera um dos mais cruéis dos preconceitos, o da fala. Ele é uma forma de humilhação, segregação e discriminação muito arraigada em nossa sociedade.

2. É preciso saber que *nossa língua* não está sendo deturpada em nenhum livro didático por incentivar o livre falar. O que é necessário que fique bem claro é que falar e escrever são processos diferentes, e nas escolas, atualmente, procura-se não demonstrar na fala o certo e o errado.

3. Então para que o *preconceito linguístico* diminua, é preciso aprender a respeitar o modo de falar das pessoas, uma vez que é a língua, e não as fronteiras, que delimitam os espaços geográficos do mundo.

Na sentença 1 é evidenciado *esse falar errado* sintetiza vários tipos de falares, abarcados pela variação linguística. Na sentença 2, *nossa língua* engloba a língua portuguesa, conseqüentemente, as suas variantes, há embutida toda a complexidade dessa língua. Já na sentença 3, o *preconceito linguístico* também sintetiza as diversas formas de discriminação relativas à linguagem com variações linguísticas.

No artigo *Linguagem: expressão e direito de todos!* de Laura Kauna de Oliveira, temos dois casos de Enc.

1. “A *língua portuguesa* é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do Igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações”.

2. Mas é necessário entendermos que em *um país* é possível ter uma grande variedade linguística, devido às diferenças regionais, gênero, idade e até mesmo classe social.

Na sentença 1, *A língua portuguesa* abarca todas as variações e complexidades da língua portuguesa, afinal a língua em questão é assim, complexa e variável. Na sentença 2, *um país*, engloba todas as possibilidades linguísticas a partir da cultura e da língua que o mesmo utiliza, logo, traz uma carga maior de sentido.

E, por fim, *Preconceito Linguístico*, de Taysa Gomes, que apresenta apenas um caso de Enc.

1. *Essas pessoas que têm preconceito* deveriam pensar melhor no que estão fazendo e lembrar que o Brasil é um país de grandes contrastes, o que também influencia na língua.

Na sentença 1, a expressão *Essas pessoas que têm preconceito* faz referência não apenas a várias pessoas, mas às pessoas que têm preconceito, assim há especificação, restrição, numa abrangência das pessoas com esse tipo de preconceito.

3.3 Função Argumentativa (Farg)

Partindo da premissa de que todo texto tem uma intenção, logo, o texto argumentativo, como o artigo de opinião utiliza estratégias para atingir/persuadir o sujeito leitor, essas tem por função, argumentar, nesse sentido entramos recursos distintos recursos ao longo dos textos, aqui, analisados.

No artigo *A linguagem popular em oposição à linguagem culta*, de Myrella Araújo, temos dois casos de Farg, como evidenciado nas sentenças:

1. *Agora, eu pergunto*: como é que se unificar um país com grandes diversidades como é que faz isso? Principalmente, se esse padrão de unificação for à língua.

2. *O que importa* é se a comunicação ocorre com sucesso.

Na sentença 1, *Agora, eu pergunto* é empregado em 1ª pessoa do singular, o autor intenciona se dirigir ao leitor, se aproximar dele, envolvê-lo e, por fim, convencê-lo, por isso se introduz no texto, deixa suas marcas. Na sentença 2, *O que importa* evidencia um posicionamento, afinal para haver uma persuasão é necessário um posicionamento crítico do autor.

No artigo *O “pobrismo” é um fascismo! Ou: o livro que tenta destruir a Língua Portuguesa. Com apoio do MEC!*, de Reinaldo Azevedo, ocorrem quatro casos de Farg como mostrado nas sentenças:

1. Esse *valente* entende que o povo tem o seu lugar — e o “lugar” do povo não é misturado à gente culta que idolatra o “pobrismo”. O pobre, *como já escrevi*, seria uma variante antropológica que tem de ser conservada e tolerada em nome da diversidade.

2. Os bandidos, *no fundo*, são rebeldes cheios de poesia.

3. *Muito bem!* O pobrismo, *como não poderia deixar de ser*, chegou também à educação. *E não é de hoje*.

4. *Ainda* voltarei a esse tema expondo a picaretagem intelectual e as mistificações que estão na base dessa “teoria”.

Na sentença 1, *valente* é um adjetivo, a partir dele percebemos uma marca de persuasão do autor, pois ele caracteriza, conseqüentemente, dá sua opinião, afinal, poderia ser qualquer adjetivo, como medroso, por exemplo. Na sentença 2, *no fundo* explica, acrescenta sentido à *os bandidos*, traz uma maneira diferente de interpretação, os bandidos não são rebeldes cheios de poesias, eles são no fundo, na essência, cheios de poesias, assim, há uma função argumentativa, há uma intenção de evidenciar uma ideia ao sujeito leitor. Na sentença 3, *muito bem!*, *como não poderia deixar de ser* e *e não é de hoje*, além de estabelecerem um elo coesivo, mostram uma proximidade como o sujeito é leitor, o *muito bem!* dá uma ideia de dialogo e *como não poderia deixar de ser* e *e não é de hoje* dão uma explicação relativa ao pobrismo, assim, neste sentença, temos um dialogo explicativo, que se aproxima do leitor. E na sentença 4, *ainda* funciona como um elo coesivo que supõe continuidade, supõe mais exploração do temo, ainda há o que ser dito para o sujeito leitor.

Em *Preconceito linguístico*, de Luciana Mello da Silva Mello, apresenta dois exemplares de Farg, como mostrado nas sentenças abaixo:

1. *Nossa Constituição*, em seu artigo 5º, diz: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...”

2. *Quem nunca presenciou ou ouviu um comentário sobre a forma de falar das pessoas?* Normalmente esses comentários se dividem em dois tipos: quem fala errado e quem fala certo.

Na sentença 1, *nossa Constituição, em seu artigo 5º* mostra que o autor utilizou um argumento de autoridade para embasar sua defesa, usou a Constituição, que é Lei, e o que é lei torna o argumento com um potencial maior, tendo em vista que não se contesta. Na sentença 2, *Quem nunca presenciou ou ouviu um comentário sobre a forma de falar das pessoas?* temos uma indagação, uma estratégia que faz com o leitor interaja, se aproprie da pergunta. Assim, o autor objeto prender a atenção e fazer com que o percurso, o sentido do texto, seja trilhado pelo interlocutor.

No artigo *Linguagem: expressão e direito de todos!*, de Laura Kauna de Oliveira, há apenas um caso de Farg, como mostra a sentença abaixo:

1. *Não* podemos julgar os outros simplesmente pelo seu modo de falar e de se expressar, é necessário entender que cada "tribo" possui sua forma de agir.

Nesta sentença 1, percebemos que o *não* esboça um posicionamento de autor frente a defesa de seu ponto de vista, assim, ele imprime suas marcas, põe sua opinião.

E, por último, em *Preconceito Linguístico*, de Taysa Gomes, temos duas ocorrências de Farg, como mostra as sentenças que seguem:

1. *Como sabemos* no Brasil há uma grande diversidade linguística, seja no modo de falar ou o significado diferenciado de algumas palavras.

2. *Afinal*, brasileiro que não gosta da própria língua não é brasileiro!

Na sentença 1, *como sabemos* demonstra intimidade entre escritor e leitor, pois há a inclusão de ambos, o verbo está conjugado em 3ª pessoa do plural. Logo, não é apenas o leitor ou apenas o escritor que sabe, mas, ambos, e isso faz com que o interlocutor se aproprie mais do que está lendo. Na sentença 2, *afinal* traz a ideia de conclusão, pois diante dos argumentos deve-se conter uma conclusão, a exposição conclusiva do autor fecha e objetiva convencer o leitor de tudo que foi exposto até então no texto.

No quadro abaixo temos os resultados obtidos na análise.

FENÔMENOS LINGUÍSTICOS TEXTUAIS	RECURSOS LINGUÍSTICOS
Anáforas direta e indireta	adjetivos, pronomes, sintagmas nominais, enunciado completo, exclamações e sintagmas preposicionais que fazem a “costura” para o desenvolvimento do texto.
Encapsulamento	sintagmas nominais e sintagmas preposicionais que trazem sintetismo a uma ideia.
Funções argumentativas	advérbios, indagações, sintagmas nominais, sintagmas preposicionais, apostos e conjunções.

Pensando nos estudos teóricos abordados e na análise realizada, pensamos, nas considerações finais deste trabalho, nas contribuições e no uso prático que tais estudos fornecem, e, como todo campo de estudo, um continuação futura e com ramificações do que foi aqui posto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao darmos como terminada esta pesquisa, temos ciência, paradoxalmente, de que ela está apenas se iniciando, por outras leituras e textos, e a construção de diversos objetos de discurso. No entanto, precisamos responder à nossa pergunta de pesquisa – quais as estratégias de referenciação que são utilizadas na produção de Artigos de Opinião da mídia digital?

Encontramos nos textos analisados casos de anáforas diretas e indiretas, encapsulamento e função argumentativa. E tais nos revelam os caminhos percorridos por seus respectivos autores. Nada que é posto em um texto é por acaso e, por trata-se de um gênero argumentativo, o artigo de opinião almeja persuadir seu leitor, para tanto, é necessário colocar no mesmo recursos que instiguem, prendam e convençam seu interlocutor, não basta por qualquer palavra, não basta juntar sentenças ou termos, é preciso ter propriedade do que está sendo dito, e é preciso bons argumentos para a defesa de um ponto de vista. Dessa forma, cada recurso utilizado revela as reais intenções do autor, o que ele almeja e o que quer transmitir.

E, sob esse viés, podemos pensar tal estudo para a sala de aula, mais especificamente, para as aulas de português sobre o estudo do gênero em questão. É interessante observar os recursos linguísticos aqui estudados utilizados pelos alunos, vê de que maneira está sendo aplicado, quais as intenções e como está posto no texto. Além de ser possível observar o desenvolvimento do discente diante da produção de um texto e da defesa de um ponto de vista, sendo isto de fundamental importância, pois revela o senso crítico, tal necessário para a formação de um ser pensante e transformador da sociedade que o circunda.

Sugerimos que essa pesquisa seja endereçada a professores de língua portuguesa, para que estes orientem o seu trabalho de leitura e escrita com os alunos, haja vista pertencer ao campo mais amplo da Linguística Textual.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé Costa. *Lutar com palavras : coesão e coerência.*- São Paulo : Parábola Editorial , 2005.
- BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras.* v.1 - São Paulo : Cortez, 2001.
- BENTES, Anna Christina II, LEITE, Marli Quadros (orgs.). *Linguística de Texto e Análise da Conversação.* –São Paulo :Cortez, 2010, p. 225-261.
- BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães, FILHO, Valdimar Custódio, BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, Referenciação e Ensino.* – 1. Ed. – São Paulo : Cortez, 2014.
- FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, G. Villaça. *Linguística Textual: uma introdução.* 3. ed. – São Paulo : Cortez, 1994. (Série gramática portuguesa na pesquisa e no ensino ; 9)
- FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva.* – São Paulo : Contexto, 2011.
- KOCH, IngedoreGrunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos.* São Paulo: Contexto, 1997. – (Caminhos da linguística).
- _____. – *Desvendando os segredos do texto.* São Paulo; Cortez, 2002.
- _____. *Introdução à Linguística Textual.* – São Paulo: Martins Pontes, 2004. – (Coleção texto e linguagem).
- _____. – *Princípios Teóricos-Analíticos da Linguística Textual.* In.: *As Tramas do Texto.* – 2. ed. – São Paulo : Contexto, 2014.

LIMA, Silvana Maria Calixto. *O processo de Recategorização e construção de efeitos de sentido no Twitter-* UESP/UFPI,2011.

<[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Silvana%20Maria%20Calixto%20de%20Lima%20\(UESPI-UFPI\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Silvana%20Maria%20Calixto%20de%20Lima%20(UESPI-UFPI).pdf)> acessado em 26 de outubro de 2015.

MORATO, Edwrigens Maria. O Interacionismo no Campo Linguístico. In: MUSSOLIM, F., BENTES, A. C.(orgs.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*, volume 3. – São Paulo : Cortez, 2004.

MOREIRA, Herivelto, CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/GENEROS-OPINATIVOS-E-ENSINO-DE-INGLES-UMA-EXPERIENCIA-DE-ENSINO-NO-CURSO-DE-LETRAS.pdf>

UBER, Terezinha de Jesus Bauer. *Artigo de opinião: estudos sobre um gênero discursivo* <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_terezinha_je_sus_bauer_uber.pdf> acessado em 26/02/2016.

<<http://adrianawillers.blogspot.com.br/2013/04/artigo-de-opiniao-preconceito.html>> acessado em 26/02/2015.

<<http://variantesdobrasil.blogspot.com.br/2011/06/artigo-de-opiniao-linguagem-popular-em.html>> acessado em 26/02/2015.

ANEXO

Quanto à seleção dos fenômenos linguísticos, os identificamos e os distinguimos de acordo com as cores, sendo essas distribuídas da seguinte forma:

- **Anáforas diretas**
- **Anáforas indiretas**
- **Encapsulamento**
- **Função Argumentativa**

A linguagem popular em oposição à linguagem culta

[A linguagem popular é berço da nossa cultura linguística. Utilizada em nosso cotidiano, caracterizado por **um falar “errado”**.] Hoje, eu sei que vai depender do contexto de fala (adequado ou inadequado). [**“Errado”** está ultrapassado. Deixo **esse termo** apenas para os preconceituosos, ou melhor, defensores de uma forma “correta” de se falar].

[A linguagem culta, reverenciada por grandes escritores brasileiros, impregnadas de **regras**.] [Cuide da grafia. Pratique a concordância. Cadê a regência do verbo? **Essas são as principais questões** da variante de prestígio.] [Os **conservadores** defendem que é o padrão de unificação.] [**Agora, eu pergunto**: como é que se unificar um país com grandes diversidades como é que faz isso? Principalmente, se esse padrão de unificação for à língua.]

[O **povo brasileiro** se expressa, através das palavras: sentimentos, dores, visão de mundo.] [Os **falares regionais**, por exemplo, testemunham a grandeza e a diversidade do nosso país, pois as camadas populares se utilizam **dessa variante estigmatizada** para se comunicar.] [O **que importa** é se a comunicação ocorre com sucesso.]

Por: Myrella Araújo.

O “pobrismo” é um fascismo! Ou: o livro que tenta destruir a Língua Portuguesa. Com apoio do MEC!

[Naquele texto maior em que trato da campanha canalha que vigaristas ideológicos e anti-semitas proto-homicidas movem contra Higienópolis, afirmo que a questão que está na base da campanha é o chamado **“pobrismo”**. **Essa doença moral** não se traduz por amor aos pobres, é evidente!] [Ao contrário: só é “pobrista” que tem uma vida confortável, gozando de todas as benesses da **“elite”**.] [Esse **valente** entende que o povo tem o seu lugar — e o “lugar” do povo não é misturado à gente culta que idolatra o “pobrismo”. O pobre, **como já escrevi**, seria uma variante antropológica que tem de ser conservada e tolerada em nome da diversidade.] [O “pobrista” é, antes de tudo, **um fascista moderado** nos meios.]

[O **pobrismo** já adulou a “cultura” do funk no Rio, é fascinada pelo rap da periferia de São Paulo] e está certa de que [os **bandidos** são uma invenção da classe média reacionária só para discriminar os humildes.] [Os bandidos, **no fundo**, são rebeldes cheios de poesia.]

[**Muito bem!** O pobrismo, **como não poderia deixar de ser**, chegou também à educação. **E não é de hoje**.] [Um livro didático de Língua portuguesa chamado **“Por Uma Vida Melhor”**, da coleção **“Viver, Aprender”** (Editora Global), sob o pretexto de debater variantes

lingüísticas com os alunos, faz a clara apologia da destruição da norma culta da língua. Atenção: **esse livro** está na lista das obras recomendadas pelo MEC] — e isso quer dizer que pode ser comprado com dinheiro público e distribuído aos estudantes.

[**Ainda** voltarei a esse tema expondo a picaretagem intelectual e as mistificações que estão na base dessa “teoria”.]

Por Reinaldo Azevedo

Preconceito linguístico

[**Nossa Constituição, em seu artigo 5º**, diz: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...”] [E é maravilhoso ver os mais diferentes tipos de manifestações contra o **preconceito**. Mas há **um tipo de preconceito** que ainda é muito forte e é pouco combatido em nosso país: o **preconceito linguístico**! **Esse assunto** veio à tona em função de um livro didático de língua portuguesa que, segundo muitos comentários que tenho lido e ouvido por aí, está incentivando o falar errado.] [Infelizmente, **esse falar errado** gera um dos mais cruéis dos preconceitos, o da fala. Ele é uma forma de humilhação, segregação e discriminação muito arraigada em nossa sociedade.]

[**Quem nunca presenciou ou ouviu um comentário sobre a forma de falar das pessoas?** Normalmente esses comentários se dividem em dois tipos: quem fala errado e quem fala certo.] [Mas esquecem-se **os brasileiros de todos os rincões** que ninguém fala certo. Ou, pelo menos, ninguém fala seguindo todas as regras gramaticais.] E disso as pessoas não se dão conta! E em nome da boa forma de nossa língua, geram esse tipo de preconceito.

[É preciso saber que **nossa língua** não está sendo deturpada em nenhum livro didático por incentivar o livre falar. O que é necessário que fique bem claro é que falar e escrever são processos diferentes, e nas escolas, atualmente, procura-se não demonstrar na fala o certo e o errado.] [Mas, **na escrita**, isso é diferente e é obrigação de todos os professores (independentemente de sua formação) apontar caminhos e buscar a correção dos erros que **nela** existam.]

[É importante lembrar que não é por meio da gramática que **aprendemos uma língua**. Isso só acontece por meio da fala, porque ela é livre e não deve ficar aprisionada a regras.] [Então para que o **preconceito linguístico** diminua, é preciso aprender a respeitar o modo de falar das pessoas, uma vez que é a língua, e não as fronteiras, que delimitam os espaços geográficos do mundo.]

É lindo ouvir os diferentes sotaques, as expressões regionais e os ditos erros que as pessoas cometem, como nós, gaúchos, quando usamos o pronome na segunda pessoa e o verbo na terceira. É essa diversidade que torna nossa língua bela e não difícil como muitos a julgam. [Se **o português** fosse difícil, não **o** falaríamos!]

[Então é preciso prestar mais atenção **a nossa língua** e saber separar a fala da escrita. É preciso parar de julgá-la e deixar a língua livre, sem as amarras da gramática, sem as regras que os mais letrados insistem em querer sobrepor aos menos letrados.] Vamos discutir o preconceito linguístico, vamos aprender a conviver com a diversidade também nesse aspecto de nossa sociedade. [Vamos deixar **nossa língua livre**, já que nossa Constituição proíbe qualquer forma de preconceito.]

Por: Luciana Mello da Silva Mello

Linguagem: expressão e direito de todos!
[Segundo Marcos Bagno (2004, p.10), " A língua portuguesa é como um rio que se

renova, enquanto a gramática normativa é como a água do Igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações".]

[É lamentável que em pleno século XXI ainda exista o **preconceito linguístico**, mesmo com o grande desenvolvimento tecnológico e intelectual que estamos vivendo. A cada dia são inventadas **novas formas de discriminação** por pessoas desprovidas de bom senso e com um grande índice de ignorância, costumam rebaixar as outras pessoas, pois segundo elas não estão no mesmo "nível" social ou intelectual.]

[O preconceito linguístico também vem sendo imposto diariamente pela mídia que pretende **ensinar o que é "certo" ou "errado"**. De uma certa forma **isso** também sem sendo aplicado nas escolas, pois sugerem que a única forma certa de falar é a que a gramática impõe.]

[Mas é necessário entendermos que em **um país** é possível ter uma grande variedade linguística, devido as diferenças regionais, gênero, idade e até mesmo classe social.] [O que nós temos que entender e saber distinguir em que lugar e momento é mais apropriado o uso de cada **tipo de linguagem** e entendemos quando e onde usá-la.]

[Não podemos julgar os outros simplesmente pelo seu modo de falar e de se expressar, é necessário entender que cada "tribo" possui sua forma de agir.]

Por : *Laura Kauna de Oliveira*

Preconceito

Linguístico

[Como sabemos no Brasil há uma grande diversidade linguística, seja no modo de falar ou o significado diferenciado de algumas palavras.]

[Por ser uma língua com grande variedade acaba gerando o que chamamos de **preconceito linguístico**, que é uma forma de preconceito com o modo de falar, o que às vezes gera discussões, brigas e até mesmo exclusão social. **Esse preconceito**, muitas vezes vem daquelas **pessoas com o nível social maior**, que têm uma escolarização mais elevada e acham que por falarem a língua portuguesa de um jeito mais correto, não estão "deformando" a língua, e para **eles**, as que falam de uma forma variada estão erradas.]

[Essas pessoas que têm preconceito deveriam pensar melhor no que estão fazendo e lembrar que o Brasil é um país de grandes contrastes, o que também influencia na língua.]

[O que contribui muito para isso pode ser **a região em que a pessoa mora**. Cada região tem um sotaque, ou seja, e uma forma de falar diferente de outra. **Os mineiros**, por exemplo, gostam de falar as palavras sem completá-las como: "cêta boa?", "pô parar", "ancotô", etc.] Já no linguajar gaúcho, além do sotaque, as palavras costumam ter significados diferentes como: ladineza (esperteza), recanteado (isolado) e assim por diante.

[Para **os que têm preconceito**, fiquem sabendo que a língua está sempre mudando e que onde forem vão perceber as variedades. **Essas pessoas** devem observar que o que fazem é errado e até quem sabe começar aprender mais sobre a nossa língua e parar de achar que estão certos em tudo.]

[**Afinal**, brasileiro que não gosta da própria língua não é brasileiro!]

Por: *Taysa Gomes*